MANUAL DE SEGURANÇA PARA ARTISTAS

proteger a saúde para poder seguir criando

Pigmentos, solventes, equipamentos de proteção e práticas seguras de ateliê

Augusto Tomba, PhD

Sumário

1 Introdução — segurança como parte do ofício

2 Vias de exposição

3 Pigmentos de atenção especial

3.5 Riscos além dos pigmentos e solventes

4 Solventes e ventilação

5 Equipamentos de proteção individual

6 Organização segura do ateliê

7 Práticas seguras no dia a dia

8 Primeiros socorros e quando buscar atendimento médico

9 Checklist de segurança do ateliê

9.5 Perguntas frequentes

10 Glossário técnico

11 Referências

1. Introdução — segurança como parte do ofício artístico

Durante séculos, gerações de pintores trabalharam diariamente com materiais, que hoje sabemos serem tóxicos, muitas vezes sem jamais associar o mal-estar crônico, os tremores ou as doenças que desenvolviam ao longo da vida ao próprio ofício. Não se tratava de descuido, mas da ausência quase total de conhecimento sobre os riscos reais desses materiais. Hoje esse conhecimento existe, é acessível, e não há razão para que um artista contemporâneo repita, por falta de informação ou cuidado, os mesmos padrões de exposição que prejudicaram tantos predecessores.

Este manual reúne, de forma prática e organizada, o que um artista plástico — trabalhando com óleo, têmpera de ovo, aquarela, douração ou técnicas mistas — precisa saber para proteger sua própria saúde sem renunciar aos materiais que sua técnica exige. A meta não é o medo nem a substituição indiscriminada de materiais tradicionais por alternativas "seguras" genéricas, mas o manuseio informado: entender exatamente onde está o risco, como ele se manifesta, e quais medidas promovem sua redução a um nível seguro para uso continuado ao longo de uma toda uma carreira.

Este manual complementa o guia de química da arte desta mesma coleção: lá, o foco foi entender a composição e o comportamento dos materiais; aqui, o foco é como manuseá-los com segurança no dia a dia do ateliê.

2. Vias de exposição

Antes de falar de materiais específicos, é importante entender como substâncias potencialmente nocivas entram, de fato, no organismo — porque a estratégia de proteção muda conforme a via de exposição.

2.1 Inalação

A via respiratória é, de longe, a mais relevante no ateliê. Vapores de solventes (terebintina, essências minerais) e poeira fina de pigmentos secos (ao lixar uma superfície, manipular pigmento em pó ou manusear pastéis secos) podem ser inalados e absorvidos rapidamente pelos pulmões, chegando à corrente sanguínea com eficiência maior do que por qualquer outra via.

2.2 Absorção cutânea

Solventes orgânicos dissolvem parcialmente a barreira lipídica natural da pele, facilitando tanto irritações locais quanto a absorção de outras substâncias dissolvidas neles — incluindo pigmentos metálicos em suspensão. Contato repetido e prolongado, mesmo sem sintomas imediatos, pode resultar em exposição cumulativa significativa ao longo do tempo.

2.3 Ingestão acidental

Menos óbvia, mas relevante: hábitos como apontar pincéis com os lábios ou a boca (prática antiga, hoje desaconselhada), comer ou fumar no ateliê com resíduos de tinta nas mãos, ou usar utensílios de cozinha para preparar materiais artísticos, criam vias de ingestão acidental de substâncias que jamais deveriam entrar em contato com a boca.

2.4 Exposição aguda versus exposição crônica

Uma distinção central para entender o risco real: exposição aguda é um contato intenso e breve (por exemplo, inalar uma concentração alta de vapor de solvente em um espaço fechado), que costuma produzir sintomas imediatos e perceptíveis — tontura, dor de cabeça, náusea. Exposição crônica é o contato repetido, em doses pequenas, ao longo de meses ou anos — o padrão mais comum e mais perigoso no ateliê, precisamente porque não produz sintomas imediatos que alertem o artista, mas pode resultar em efeitos cumulativos sérios com o tempo. A ausência de sintomas agudos não é sinônimo de segurança.

3. Pigmentos de atenção especial

A maioria dos pigmentos modernos, sobretudo os óxidos de ferro e terras naturais, apresenta baixíssima toxicidade. Um grupo específico de pigmentos, no entanto, contém metais com toxicidade relevante e exige atenção redobrada — não necessariamente abandono, mas manuseio consciente.

Pigmento	Risco principal	Como reduzir exposição
Cádmio (vermelhos, amarelos, laranjas)	Toxicidade renal; suspeita de potencial cancerígeno por inalação prolongada de poeira	O uso de luvas é recomendado. Evitar lixar a seco; preferir tintas já preparadas em pasta; lavar as mãos após o manuseio; Em caso de necessidade de uso de pigmentos, manipular o pó com máscara adequada (PFF2/P2 no mínimo), ventilação ou exaustão, superfícies úmidas para limpeza (nunca varrer a seco).

Pigmento	Risco principal	Como reduzir exposição
Chumbo (branco de chumbo histórico)	Neurotoxicidade cumulativa; hoje substituído por titânio e zinco (apesar de apresentarem características distintas).	Uso praticamente exclusivo em reconstruções históricas; se usado, manusear com luvas e máscara para o pigmento, com máxima atenção a poeira e resíduos. Em caso de uso da tinta, é recomendável o uso de luvas e o emprego de pincéis exclusivos para sua aplicação.
Cobalto (azuis e violetas, secantes)	Sensibilização cutânea e respiratória com uso repetido	Usar luvas; evitar contato repetido da pele com o pigmento puro
Cromo (amarelos e verdes de cromo)	Compostos de cromo hexavalente associados a risco cancerígeno	Preferir pigmentos substitutos modernos quimicamente distintos, hoje disponíveis com a mesma tonalidade
Manganês (terras, secantes)	Neurotoxicidade por inalação crônica de poeira	Evitar geração de poeira; manusear pigmento seco com máscara adequada
Mercúrio (vermelhão histórico / cinábrio)	Altíssima toxicidade neurológica	Praticamente abandonado na prática contemporânea; uso exclusivo em reconstituições históricas

Um princípio prático geral cobre a maioria dessas situações: o maior risco desses pigmentos não está em usá-los diluídos em tinta pronta e aplicados com pincel, mas em manuseá-los em pó seco — ao preparar tintas, lixar ou limpar superfícies onde ficaram resíduos secos. É nesse momento que partículas finas se tornam facilmente inaláveis.

3.5. Riscos além dos pigmentos e solventes

3.5.1 Poeira de gesso e cargas minerais

O preparo tradicional de suportes — lixar camadas de gesso de coelho, misturar cargas minerais secas como carbonato de cálcio ou sílica — gera poeira fina que, inalada repetidamente ao longo de anos, pode causar irritação respiratória crônica. Algumas cargas minerais contêm sílica cristalina, associada a doenças pulmonares ocupacionais quando inalada cronicamente em grandes quantidades — um risco mais associado a ambientes industriais do que ao ateliê individual, mas que justifica o uso de máscara de partículas ao lixar.

3.5.2 Fixadores e vernizes em aerossol

Fixadores em spray (usados sobre pastel ou grafite) e vernizes em aerossol dispersam partículas finas de resina no ar de forma muito mais eficiente do que a aplicação com pincel,

aumentando proporcionalmente o risco de inalação. Seu uso deve ser feito em ambiente bem ventilado ou, idealmente, ao ar livre, evitando respirar diretamente a névoa do produto.

3.5.3 Mordentes e materiais de douração

Mordentes à base de óleo para dourado a folha frequentemente contêm solventes para ajuste de viscosidade, com os mesmos riscos de inalação já discutidos para solventes de pintura. A folha de ouro metálica em si é quimicamente inerte e não representa risco quando manuseada normalmente, mas partículas soltas de metal em pó (usado em certas técnicas de douração) exigem os mesmos cuidados de qualquer poeira fina.

3.5.4 Ergonomia e esforço repetitivo

Um risco frequentemente esquecido em manuais de segurança voltados a materiais químicos: sessões longas de trabalho em posições fixas, movimentos repetitivos de pincelada fina ou de moagem manual de pigmento, e má postura ao trabalhar em cavalete ou mesa, podem gerar tensão muscular crônica e lesões por esforço repetitivo ao longo de uma carreira. Pausas regulares, ajuste de altura de cavalete e mesa, e atenção à postura são medidas preventivas simples e frequentemente negligenciadas.

4. Solventes e ventilação

4.1 Comparando os solventes mais comuns

A essência de terebintina, tradicionalmente usada como diluente e solvente em pintura a óleo, é também uma das substâncias mais associadas a irritação respiratória e sensibilização alérgica cutânea com exposição repetida. As essências minerais de petróleo (mineral spirits, white spirit) tendem a ser menos alergênicas, mas ainda exigem ventilação adequada — e, dentro dessa categoria, produtos de baixo teor aromático (frequentemente identificados como "odorless" ou "inodoros") apresentam concentração reduzida de compostos aromáticos voláteis, sendo geralmente a opção menos agressiva às vias respiratórias para uso continuado em espaço fechado.

Muitos artistas buscam alternativas à terebintina, uma dela é a essência de lavanda. A essência de lavanda-espigão (*Lavandula latifolia*) é uma alternativa tradicional à terebintina, com uso documentado em tratados de pintura desde o século XVI, especialmente na tradição flamenga e holandesa. Dilui tintas e vernizes e permite ajustar a viscosidade de óleos secantes.

Tem odor mais suave e ponto de fulgor mais alto, o que a torna um pouco menos inflamável. Atenção: a lavanda verdadeira (*L. angustifolia*) é menos eficaz como solvente e frequentemente adulterada; prefira produto identificado como Essência de Lavanda-Espigão (português de Portugal), Lavander Spike Oil (inglês) ou Huile Essentielle de Lavande Aspic (francês) de fornecedor confiável. Confira o nome botânico no rótulo ou na ficha técnica do fornecedor: produtos vendidos apenas como "óleo de lavanda" costumam ser *L. angustifolia* (lavanda verdadeira), menos eficaz como solvente e frequentemente adulterada, ou lavandin (*L.* × *intermedia*), um híbrido mais barato e frequentemente confundido com o espigão.

Ela não é isenta de riscos.

- **Sensibilização cutânea:** os componentes da essência de lavanda (linalol e acetato de linalila) oxidam com o ar e podem causar dermatite de contato. A terebintina apresenta o mesmo problema. A troca de um pelo outro não elimina o risco, apenas o desloca.

- **Vapores:** ambas são compostos orgânicos voláteis (COVs). A ventilação do ateliê continua necessária.

- **Evaporação mais lenta:** em excesso, a essência de lavanda retarda a secagem e pode deixar a camada pegajosa. Pode ser vantagem ou desvantagem conforme a técnica, e nem sempre substitui a terebintina em todos os usos, como camadas magras de imprimatura ou limpeza de pincéis. Trate-a como alternativa a **testar em pequena escala**.

Recomendações:

1. Use luvas e boa ventilação com qualquer solvente, inclusive os de origem vegetal. "Natural" não significa "inofensivo".

2. Quem já tem alergia a terpenos deve evitar tanto a terebintina quanto a essência de lavanda.

3. Alternativa para esses casos: aguarrás mineral inodora, que também exige ventilação e cuidado com a inflamabilidade.

4. Guarde os solventes em frascos fechados, longe de fontes de calor. Panos embebidos em óleo secante e solvente podem **entrar em combustão espontânea**: deixe-os secar estendidos ou guarde-os em recipiente metálico com água e tampa.

4.2 O cheiro não é um indicador confiável

Um equívoco comum é assumir que, na ausência de cheiro perceptível, não há exposição relevante. O limiar de detecção olfativa de um solvente nem sempre coincide com o limiar de concentração segura — algumas substâncias são perceptíveis ao olfato apenas em concentrações já superiores às recomendadas, enquanto outras permanecem imperceptíveis mesmo em níveis de risco. Ventilação adequada deve ser mantida independentemente de haver ou não cheiro perceptível no ambiente.

4.3 Ventilação local versus ventilação geral

Abrir uma janela (ventilação geral) dilui os vapores no ambiente, mas não os remove na origem. Um sistema de exaustão local — mesmo simples, como um pequeno exaustor posicionado próximo à bancada de trabalho, direcionado para o exterior — é significativamente mais eficaz, porque captura o vapor antes que ele se disperse pelo espaço de trabalho e seja respirado. Para quem trabalha regularmente com solventes em ambiente fechado, investir em algum sistema de exaustão local traz um ganho de segurança que a simples abertura de janelas não oferece.

4.4 Alternativas de menor toxicidade

Para limpeza de pincéis no dia a dia, sabões e detergentes específicos à base de água substituem boa parte do uso rotineiro de solvente puro, reservando este último para diluição da tinta em si. Essa simples mudança de hábito reduz substancialmente o volume total de solvente manuseado e evaporado no ambiente ao longo de uma sessão de trabalho.

5. Equipamentos de proteção individual

5.1 Luvas

Luvas de látex, comuns e baratas, degradam-se rapidamente em contato com solventes orgânicos, tornando-se permeáveis em minutos — o que gera uma falsa sensação de proteção. Luvas de nitrila oferecem resistência muito superior a solventes e são a escolha recomendada para manuseio de tintas, pigmentos e solventes no ateliê.

5.2 Máscaras e respiradores

Máscaras descartáveis simples (tipo PFF1/PFF2) protegem contra poeiras e partículas — adequadas ao lixar superfícies ou manusear pigmento seco — mas não oferecem proteção alguma contra vapores orgânicos de solventes. Para isso, é necessário um respirador com cartucho específico para vapores orgânicos, um equipamento diferente e não intercambiável com a máscara de partículas. Usar o equipamento errado para o risco presente é um erro comum que gera falsa sensação de segurança.

5.3 Proteção ocular

Óculos de proteção são recomendados sempre que houver risco de respingo de solvente ou geração de poeira fina — ao lixar, moer pigmento ou aplicar spray fixador, por exemplo.

5.4 Vestuário dedicado

Um avental ou jaleco de uso exclusivo no ateliê evita que resíduos de tinta, pigmento ou solvente sejam transportados para o restante da casa — um cuidado especialmente relevante quando há crianças ou gestantes no ambiente doméstico compartilhado com o espaço de trabalho.

6. Organização segura do ateliê

6.1 Armazenamento de solventes e inflamáveis

Solventes devem ser mantidos em recipientes bem fechados, rotulados, longe de fontes de calor, chamas ou faíscas, e preferencialmente em um armário próprio, ventilado e resistente a fogo, especialmente quando manuseados em quantidade.

6.2 O risco pouco conhecido da combustão espontânea dos óleo secantes

Os óleos de linhaça, de noz e de cártamo (açafrão-bastardo) são os principais óleos da pintura a óleo. Eles não "secam" por evaporação: endurecem por **oxidação**, uma reação química com o oxigênio do ar que **libera calor**. Em uma camada fina sobre a tela, esse calor se dissipa sem problemas. O perigo aparece quando o óleo está espalhado em um material poroso e amontoado, situação em que o calor fica preso, a temperatura sobe e a reação se acelera. Isso pode levar à **ignição sem chama nem faísca**, em geral algumas horas depois do uso.

Onde o risco acontece no ateliê

O caso típico é o de panos, papel toalha, estopa e esponjas embebidos em óleo ou em tinta a óleo, deixados dobrados, amassados ou empilhados em lixeira, cesto ou canto do ateliê. O tecido oferece grande superfície de contato com o ar e, ao mesmo tempo, isola o calor. Panos de algodão são especialmente críticos.

Diferenças entre os óleos

- **Linhaça:** é o mais reativo dos três e o mais associado a incêndios. O óleo de linhaça cozido, ou com secantes metálicos (cobalto, manganês), é ainda mais rápido e, portanto, mais perigoso.
- **Noz:** seca de forma intermediária e também gera calor de oxidação. Não deve ser considerado "mais seguro" por ser mais claro ou de uso tradicional.
- **Cártamo:** oxida mais lentamente e é frequentemente classificado como semissecante ou de secagem lenta. O risco é menor, mas **não é nulo**, e não se deve confiar nessa diferença para dispensar o cuidado.

Tintas a óleo comerciais, que contêm esses óleos e, às vezes, pigmentos que aceleram a secagem, seguem a mesma regra. Os solventes (terebintina e aguarrás mineral) não causam a combustão espontânea, mas espalham o óleo sobre o pano e são, eles próprios, inflamáveis, o que agrava o incêndio se ele começar.

Recomendações

1. **Nunca amasse nem empilhe** panos oleosos. Deixe-os **estendidos em uma só camada**, sobre superfície não combustível (metal, pedra, concreto) e ao ar livre ou em local bem ventilado, até endurecerem por completo.
2. Alternativa: guarde-os imediatamente em um **recipiente metálico com tampa, com água**, e descarte conforme as regras locais de resíduos perigosos. Não os jogue no lixo comum enquanto estiverem macios.
3. **Não lave em máquina e nunca use secadora** com panos que tiveram contato com óleo secante: o calor da secadora é uma causa conhecida de incêndios.
4. Evite acumular panos oleosos perto de fontes de calor, sob o sol direto ou em ambientes muito quentes.

5. Mantenha um recipiente metálico com tampa e água dentro do ateliê, como hábito fixo ao final de cada sessão de trabalho.

6. Depois de secos e endurecidos, os panos deixam de representar esse risco e podem ser descartados normalmente.

A prevenção é simples: nunca amontoar panos ou estopas embebidos em óleo secativo. Estenda-os completamente abertos sobre uma superfície não inflamável até secarem por completo antes de descartar, ou submerja-os em um recipiente metálico fechado com água até o descarte adequado.

6.3 Ventilação geral do espaço de trabalho

Além da exaustão local mencionada na seção 4.3, o espaço de trabalho como um todo se beneficia de circulação de ar constante — evitando o acúmulo geral de vapores residuais ao longo de sessões prolongadas de trabalho, mesmo quando cada tarefa específica já conta com proteção pontual.

7. Práticas seguras no dia a dia

— Nunca coma, beba ou fume dentro do espaço de trabalho — resíduos de pigmento e solvente nas mãos ou no ambiente podem ser ingeridos ou inalados junto com alimentos e bebidas.

— Nunca utilize utensílios de cozinha (potes, colheres, panelas) para preparar ou armazenar materiais artísticos, nem reaproveite embalagens de alimentos para guardar pigmentos ou solventes — o risco de ingestão acidental por confusão é real, especialmente para outras pessoas que compartilham o espaço.

— Lave bem as mãos com sabão ao final de cada sessão de trabalho, e sempre antes de comer, beber ou tocar o rosto.

— Rotule claramente todos os recipientes de pigmentos, solventes e mediums, indicando o conteúdo de forma legível para qualquer pessoa que eventualmente entre em contato com eles.

— Redobre os cuidados na presença de gestantes e crianças no ambiente: tanto metais pesados quanto solventes orgânicos podem representar riscos adicionais para o

desenvolvimento fetal e infantil, e o espaço de trabalho deve ser mantido isolado desse convívio sempre que possível.

— Evite comer unhas ou tocar a boca com as mãos durante o trabalho — hábito comum e de risco elevado quando há resíduo de pigmento nos dedos.

8. Primeiros socorros e quando buscar atendimento médico

As orientações abaixo são medidas gerais de resposta inicial e não substituem avaliação médica. Em qualquer situação de exposição significativa, busque atendimento médico ou contate o Centro de Informações Toxicológicas.

8.1 Inalação excessiva de vapores

Se sentir tontura, dor de cabeça, náusea ou irritação respiratória durante o trabalho com solventes, interrompa imediatamente a atividade e dirija-se a um ambiente com ar fresco e ventilado. Se os sintomas persistirem ou se agravarem, procure atendimento médico.

8.2 Contato com a pele

Lave a área afetada abundantemente com água e sabão neutro. Remova roupas contaminadas. Se surgir irritação persistente, vermelhidão ou reação alérgica, procure avaliação médica.

8.3 Contato com os olhos

Lave imediatamente com água corrente em abundância por pelo menos 15 minutos, mantendo as pálpebras abertas. Procure atendimento médico em seguida, mesmo que o desconforto pareça ter passado.

8.4 Ingestão acidental

Não induza vômito. Entre em contato imediatamente com o Centro de Informações Toxicológicas (no Brasil, o Disque-Intoxicação, telefone 0800 722 6001, funciona 24 horas) ou dirija-se a um pronto-socorro, levando a embalagem ou informação sobre o produto envolvido, sempre que possível.

8.5 Quando procurar avaliação médica preventiva

Artistas que trabalham regularmente com pigmentos contendo metais pesados ou com solventes orgânicos, especialmente em ambiente com ventilação limitada, podem se beneficiar de acompanhamento médico periódico, incluindo exames que avaliem exposição cumulativa, conforme orientação de um profissional de saúde ocupacional.

9. Checklist de segurança do ateliê

☐ Meu espaço de trabalho tem ventilação adequada, idealmente com alguma forma de exaustão local?

☐ Uso luvas de nitrila (não látex) ao manusear solventes e pigmentos?

☐ Tenho o tipo correto de máscara/respirador para cada tarefa (partículas versus vapores orgânicos)?

☐ Evito gerar poeira ao manusear pigmentos secos, preferindo tintas já preparadas quando possível?

☐ Armazeno solventes em recipientes fechados, rotulados, longe de fontes de calor?

☐ Estendo panos embebidos em óleo secativo para secar completamente ao ar livre antes de descartar (ou os submerjo em água)?

☐ Mantenho utensílios exclusivos para arte, nunca compartilhados com a cozinha?

☐ Não como, bebo ou fumo no espaço de trabalho?

☐ Lavo bem as mãos ao final de cada sessão de trabalho?

☐ Uso fixadores e vernizes em aerossol apenas em ambiente bem ventilado ou ao ar livre?

☐ Faço pausas regulares e atento à postura em sessões longas de trabalho?

☐ Sei o número do Centro de Informações Toxicológicas da minha região, para casos de emergência?

9.1 Kit básico de segurança para o ateliê

Uma lista mínima de itens que vale manter sempre à mão:

— Luvas de nitrila (várias unidades, para troca frequente)

— Respirador com cartucho para vapores orgânicos, além de máscaras descartáveis para partículas

— Óculos de proteção

— Recipiente metálico fechado, para descarte seguro de panos embebidos em óleo

— Sabão neutro e recipiente de água limpa, para lavagem imediata de mãos ou olhos

— Extintor de incêndio adequado a solventes e óleos, ao alcance da bancada de trabalho

— Número do Centro de Informações Toxicológicas afixado em local visível

9.5. Perguntas frequentes

Preciso realmente me preocupar se uso os materiais há anos sem nenhum sintoma?

A ausência de sintomas não significa ausência de exposição cumulativa, como discutido na seção 2.4. Muitos dos efeitos mais sérios de exposição crônica a metais pesados e solventes se manifestam de forma lenta e silenciosa, exatamente por isso o acompanhamento preventivo mencionado na seção 8.5 é recomendado a quem trabalha regularmente com esses materiais, independentemente de sintomas atuais.

Máscaras de tecido comuns (como as usadas contra vírus respiratórios) protegem contra vapores de solvente?

Não. Máscaras de tecido ou cirúrgicas comuns não filtram vapores orgânicos nem oferecem vedação suficiente para esse fim — elas foram desenhadas para reter gotículas, não vapores químicos. Para vapores de solvente, é necessário um respirador com cartucho específico, como discutido na seção 5.2.

É seguro trabalhar com solventes em um cômodo pequeno com a porta fechada, mesmo com um ventilador ligado?

Um ventilador comum apenas movimenta o ar dentro do ambiente, sem removê-lo — não substitui ventilação para o exterior nem um sistema de exaustão local. Em espaços pequenos e fechados, essa prática pode permitir o acúmulo progressivo de vapores ao longo de uma sessão de trabalho.

10. Glossário técnico

Exposição aguda: contato intenso e breve com uma substância, geralmente com sintomas imediatos perceptíveis.

Exposição crônica: contato repetido, em pequenas doses, ao longo de meses ou anos, frequentemente sem sintomas imediatos, mas com efeito cumulativo.

Sensibilização: desenvolvimento de uma resposta alérgica a uma substância após exposições repetidas, mesmo quando exposições anteriores não causaram reação.

Composto de baixo teor aromático: solvente refinado para conter menor concentração de compostos aromáticos voláteis, geralmente associado a menor agressividade respiratória.

Ventilação local (exaustiva): sistema que captura vapores ou poeiras na origem, antes de sua dispersão pelo ambiente.

Ventilação geral (diluidora): renovação geral do ar do ambiente, que dilui, mas não elimina na origem, os contaminantes presentes.

Combustão espontânea: ignição de um material sem fonte externa de fogo, provocada pelo acúmulo de calor gerado por uma reação química exotérmica interna, como a oxidação de óleos secativos em panos amontoados.

EPI: Equipamento de Proteção Individual — luvas, máscaras, óculos e vestuário destinados a reduzir a exposição do usuário a um risco específico.

11. Referências

Este manual se apoia em literatura consolidada sobre saúde ocupacional aplicada às artes visuais:

— Michael McCann — "Health Hazards Manual for Artists", referência clássica em segurança ocupacional para artistas plásticos.

— Monona Rossol — "The Artist's Complete Health and Safety Guide", guia abrangente sobre riscos de materiais artísticos e medidas de proteção.

— Disque-Intoxicação, Centro de Informações Toxicológicas do Brasil — 0800 722 6001, serviço público de orientação em casos de intoxicação.

Este manual tem finalidade informativa e não substitui orientação de um médico do trabalho, toxicologista ou profissional de saúde ocupacional para avaliação individual de riscos, sobretudo para quem trabalha em regime intensivo ou profissional com os materiais aqui discutidos.